

## O QUE OS JOVENS LEEM? RESSIGNIFICANDO LEITORES E LEITURAS

MARIA AURORA NETA (UEG-UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS).

### Resumo

Aventurar-se para recriar, deslocar, desconstruir e desocultar o que, muitas vezes, parece tão evidente aos nossos olhos, mas que, de repente, pode ser percebido de outra forma e a partir de outros olhares é necessário quando se vive numa sociedade que por, diversas vezes, tem construído discursos e ações por meio do senso comum ou baseando-se, muitas vezes, apenas numa visão unilateral e estereotipada. Nesse sentido, esta comunicação pretende pôr em discussão a questão da relação dos jovens com a leitura, tendo em vista que o discurso da não-leitura dos jovens entremeia o discurso da não leitura do brasileiro, sentença tão disseminada, mas também questionada por diferentes estudiosos da história da leitura. Trazer para o debate a relação dos jovens com a leitura é dar visibilidade a uma categoria social que vive sob a égide de uma sociedade adultocêntrica e que atribui a esses uma série de estereótipos e quase sempre negativos, ainda, é proporcionar condições para que outros referenciais de leitor e de leitura possam ser revistos e considerados, tendo em vista os possíveis deslocamentos que podem ser feitos quando se ampliam noções de leitura e de leitores, aqui, especificamente, relacionados aos jovens. Assim, estou considerando no universo da história da leitura e do leitor no Brasil que os jovens são leitores e precisam ser vistos, reconhecidos e considerados como tal, para a partir dessa compreensão (re)ver as práticas de leituras desenvolvidas na escola junto à juventude.

### Palavras-chave:

jovens, leitores, leituras.

A leitura tem sido objeto de muita discussão e tem estado presente em diversos espaços: na escola, na TV, nas casas, em entrevistas, reportagens, estatísticas, artigos, conferências, palestras, congressos. Está nos debates de filosofia, sociologia, literatura, lingüística, e em outras áreas do conhecimento. Mas, por que ela ainda nos inquieta tanto? Possivelmente pela sua importância como instrumento que possibilita às pessoas em maior ou menor grau participar de modo mais efetivo das diversas práticas sociais existentes na sociedade e por constituir-se objeto de inclusão social.

E nessa perspectiva, a leitura passa a ser compreendida como uma prática cultural, como diz Chartier (2001: 231), com isso modifica-se o olhar que se lança sobre ela. Assim, ler não é simplesmente decifrar as letras que estão na superfície das páginas ou cumprir uma atividade com prazo e notas previstos. Leitura é participação e ler é dela apropriar-se e, a partir de então, usufruir de tudo que a ela se agrega, especialmente, a autonomia advinda do exercício dessa prática. A leitura vista como algo que está presente no cotidiano da sociedade passa a ser, conseqüentemente, parte da história dessa mesma sociedade, bem como das pessoas que a integram.

Nesse sentido, Freire (2005: 11) conta sua experiência de leitor e o seu envolvimento com a leitura. Nesse texto, preconiza a questão cultural que subjaz à leitura, também amplia a compreensão da mesma, pois nesse se lê "a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto".

À medida que se faz a leitura dessa história vivenciada por Freire percebe-se como essa experiência marcou a vida dele e a representação feita por ele da leitura permite-nos entender que o ato de ler tem a ver com possibilidade de diálogo, de reencontro; tem a ver com aprendizado e com liberdade. Mas a experiência de leitura que o autor viveu não se parece com a experiência de leitura que outras pessoas viveram e que muitos jovens ainda vivem. Desse modo, é possível compreender que a leitura da qual fala Freire (2005) e que foi por ele experienciada advém da forma como essa chegou até ele,

Não eram, porém, aqueles momentos puros exercícios de que resultasse um simples dar-nos conta da existência de uma página escrita diante de nós que devesse ser cadenciada, mecânica e enfadonhamente "soletrada", em vez de realmente lida. Não eram aqueles momentos "lições de leitura", no sentido tradicional desta expressão. (p.16)

Nesse mesmo sentido a narrativa segue, sugerindo que a leitura não pode ser um objeto a ser decorado. Por isso, a leitura de um texto, tomada como pura descrição e feita no sentido de memorizá-la não é real leitura nem dela resulta a compreensão desejada. Entretanto, ainda, vemos essa concepção de leitura dentro circulando em alguns espaços, inclusive, na escola, e professores desenvolvendo tarefas de leitura mediante essa perspectiva: passando questionários, testes e trabalhos sobre a leitura feita e, em seguida, apenas atribuindo a nota. Puro exercício formal.

Experiência de leitura, talvez seja preciso pensar sobre essa palavra e repensar sobre as atividades de leitura que estão sendo propostas aos leitores. Pois, ao invés de ouvirmos "por que tenho que ler isso"? não poderíamos ouvir palavras como as que Proust (2003) usa ao falar sobre a presença da leitura em sua vida.

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezássemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou mudar de lugar (p.9)

Estes autores demonstram o valor cultural da leitura e dão a ela um espaço privilegiado em suas vidas. A presença da leitura na história de cada um deles reafirma o que se tem buscado construir: a leitura não é e não pode ser simplesmente uma ação que se pratica por hábito ou obrigação. Ela está na pessoa e se estende para além dela, como diz Proust (2003: 42): a leitura é uma amizade.

Nesse sentido, a leitura chega até nós, fica em nós, mas não faz morada em nós porque ela vai saindo de dentro da gente nas diferentes situações que vivemos, nas relações que estabelecemos com os outros e assim um pouco das leituras que fazemos e que vão sendo incorporadas em nós vão ficando também naqueles com quem convivemos. É possível entender, portanto, que a palavra leitura e seu verbo correlato - Ler - têm íntima relação com a palavra colher (Luzia de Maria, 2002).

A partir do que está colocado, torna-se necessário repensar as concepções que se têm instituídas sobre a leitura, o seu espaço na sociedade, bem como suas finalidades. É importante rediscutir alguns modos de entender o ato de ler para que não se restrinja a leitura a modelos idealizados. A ampliação do conceito de leitura,

do que é ler, do como se lê ou do que se lê se justifica cada vez mais, porque entramos no século XXI convivendo com os meios de comunicação de massa e demais instrumentos oriundos do grande avanço tecnológico, os quais contribuem significativamente com a formação das pessoas, bem como influenciam sobremaneira na escolha de suas leituras, especialmente dos jovens.

### **Deslocar, recriar e aventurar-se para reconstruir**

Sabemos que discutir a respeito da leitura é uma tarefa necessária e que não se esgota, mas é complexa, uma vez que a palavra leitura é polissêmica. Sua polissemia se revela, entre outras coisas, na multiplicidade de complementos que a ela se pode dar, como já mencionado: Leitura de quê? de que portador de texto? de que tipo de texto? literário? jornalístico? científico? publicitário? didático? impressos? eletrônicos? Estes questionamentos põem em evidência que ao falar em leitura não se pode fechá-la nem determinar que existam formas já estabelecidas do que é ler, de como se lê e do que se lê. E mais, dizer que existem leituras boas e ruins, certas e erradas, convenientes e inconvenientes; leituras que educam e outras que não trazem nada de proveito para quem lê. Nesse ponto, vale, então, destacar que: o que de fato existem são leituras e leitores.

Sant'Anna (2000) em artigo publicado no Jornal *O Globo* também põe em discussão questões como estas e neste expande os domínios da leitura e, entre outras coisas, fala:

Tudo é leitura. Tudo é decifração. Ou não. Depende de quem lê. Como ler a paixão se a paixão é quem nos lê? Um paisagista lê a vida de maneira florida e sombreada. Fazer um jardim é reler o mundo, reordenar o texto natural. O urbanista e o arquiteto igualmente escrevem, melhores ditos, inscrevem, um texto na prancheta da realidade. Um arqueólogo lê nas ruínas a história antiga. O astrônomo lê a epopéia das estrelas (...).

Vê-se que também Sant'Anna (2000) aborda a leitura de um modo mais abrangente e ultrapassa os limites "instituídos" do que é a leitura e do que se deve ler para ser considerado um leitor de verdade. Portanto, nesse compasso, a leitura passa a ser o espaço da interação, uma forma de alimentar o mundo do sujeito com a abertura para novas formas de ler.

E vale salientar que tanto a leitura quanto o leitor também estão inclusos nesse processo contínuo de transformações por que passa a sociedade, por isso torna-se imprescindível buscar outras formas de pensar a respeito desses sujeitos e sobre sua participação nesse tecido social tão heterogêneo e complexo. É preciso que isso seja discutido de forma intensa, particularmente, dentro das escolas, pois essas precisam avançar em suas formas de pensar sobre a leitura e o leitor, para que outras práticas leitoras possam se constituir dentro das salas de aula. O que pode ser feito reconhecendo e potencializando as leituras que já são realizadas pelos jovens alunos, quais sejam de livros impressos, gibis, revistas, jornais ou textos eletrônicos.

Mas, mesmo vivendo num espaço plural onde as práticas, os modos de ler e os materiais de leitura se ampliam gradativamente, ainda mantém-se o discurso da ausência de leitura, e uma representação modelar de leitura se mantém como parte central da idéia de uma carência cultural brasileira. Esta premissa é particularmente

importante no discurso pedagógico que insiste no desinteresse dos jovens alunos pela leitura e nas dificuldades daí decorrentes (ABREU, 2001: 148).

Na esteira dessa discussão e com o intuito de deslocar alguns já-ditos sobre o que aqui se reflete a respeito da leitura e do leitor, vale a pena trazer as vozes de alguns jovens alunos[1] e considerar seus dizeres válidos pois, ao contrário do que se apregoa, os jovens leem e gostam de ler, bem como reconhecem a importância da leitura como forma de obter conhecimento e informação. Nesse sentido assim eles falam:

Eu acredito que a leitura, ela é muito importante pra gente estar tendo conhecimento. Os livros são bons pra gente estar aprendendo mais sobre a literatura, sobre as histórias, pra gente aprender também a escrever, porque a leitura eu acredito que nela a gente pode aprender a pôr nossas idéias. Quando a gente tem uma idéia, ajuda a gente a criar um texto, e eu acredito que é assim. (Raquel, 17 anos)

Bom, a leitura ajuda vários pontos. Você fica informado, você aprende a comunicar melhor com as pessoas, tanto o jeito de falar... aprende a escrever, aprende novas linguagens, novos costumes, várias coisas. (Luís, 17 anos)

Bom, penso na leitura como uma fonte de sabedoria, uma fonte assim de alimentação pra mente, pra você abrir mais a mente. (José, 16 anos)

A leitura é muito importante pra formação é...pra formação do ser humano. A leitura é muito importante, abre novos horizontes pra gente, conhecimentos. (Ana, 17 anos)

A partir do que os jovens dizem é possível depreender que a leitura faz parte de suas vidas e do seu cotidiano. Ainda, sobre suas práticas de leitura eles dizem o seguinte:

O que eu costumo mais ler são jornais, eu costumo ler mais jornais. (Raquel, 17 anos)

Eu costumo ler mais revista, uma notícia assim que venha no jornal mais destacada, como aquela notícia assim do mês que todo mundo procura saber. (Cláudia, 17 anos)

Na internet eu leio, leio freqüentemente. (José, 16 anos)

O que eu mais gosto de ler são revistas, jornal, algum texto falando assim... sobre o momento do nosso país, do nosso estado, do que está acontecendo. (Sandra, 16 anos)

Do que eu mais gosto de ler, acho que num tem uma coisa assim... uma coisa específica. Quer dizer, você pega um livro, você gosta de ler aquilo ali. Às vezes você vai lendo uma revista, vai passando um monte de páginas ai tem uma matéria interessante, num é sobre só um tema, pode ser uma área de medicina ou pode ta falando de novela, pode ta falando de alguma coisa que te interessa... depende da matéria. (Cleusa, 17 anos)

Eu costumo comprar revistas e jornais. Gosto de comprar a revista *Veja*, compro toda semana, porque eu gosto de ficar bem informado sobre os assuntos que aparece no Brasil, no mundo, né. Pra quando a gente for conversar com alguém, a gente não ficar por fora, né. (Luís, 17 anos)

As coisas que eu procuro pra ler em bibliotecas é jornais, revistas. Eu vejo a revista mais por interesse, por curiosidade, então eu fico olhando, folheando e procurando alguma coisa que me interesse e chame a atenção. (Henrique, 17 anos)

Essas falas confirmam que os jovens leem e que a presença de outros portadores de textos, além dos livros literários e didáticos, fazem parte das leituras por eles realizadas e por isso devem ser consideradas, particularmente, pela escola. Chartier (1999: 77) diz que essa presença de outros portadores de texto na sociedade é que leva os leitores a buscar e conviver com outras formas de leitura, e esclarece que: "Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler".

Esse esclarecimento possibilita compreender melhor que a história da leitura tem sido construída em meio a rupturas e, como em tempos passados, na atualidade, estão se construindo processos de mudança em relação às práticas de leitura, os quais encontram-se ancorados em diferentes portadores, modos e objetivos, o que é possível perceber também por meio das vozes desses jovens alunos. Por isso, quando muitos falam, inclusive, professores, que os alunos não leem, não sabem ler, não gostam de ler ou não conseguem interpretar o que leem, pergunta-se: De quem se está falando? A que tipo de leitura esse discurso remete? Que leitor se tem em mente quando se enuncia isso? Questões como essas devem ser melhor explicitadas para que haja uma compreensão mais fecunda dos fatos que geram o discurso da não-leitura dos jovens dentro da escola e também fora dela, discurso que entremeia o da não-leitura do brasileiro.

Ao redimensionar essas questões é possível deslocar esse discurso, isto feito a partir de outras concepções e experiências de leitura. Dessa forma, constituem-se práticas leitoras as que são feitas em espaços formais, como na escola, nas bibliotecas, salas de leitura, bem como as que se realizam em espaços informais, como em casa, praças, lanchonetes, ônibus, avião e, especialmente, as que hoje se fazem de forma intensa nas Lan Houses. Nesse sentido, considerar-se-á leitor todo aquele que pratica, nesses diferentes espaços, o ato de ler.[2]

Ao dar visibilidade a outros textos, leituras e leitores, especificamente, os jovens, esperamos colocar em tela várias questões que se encontram entrelaçadas e que compõem essa história, inclusive, as que definem o que se deve ler, onde e como e quem é leitor, pois nesse campo muitas barreiras necessitam ser ultrapassadas para que seja possível emergir outros referenciais, especialmente em tempos como os que estamos vivendo em que a presença do computador tem se tornado tão marcante.

A proposição de evidenciar e ressignificar os espaços de leitura, sua prática, bem como os leitores traz consigo uma perspectiva bastante positiva, uma vez que possibilita deslocar alguns sentidos instituídos que têm gerado uma série de preconceitos em relação a determinadas leituras e determinados leitores.

O deslocamento de sentidos no que tange aspectos relacionados às práticas de leitura que se tem realizado de forma concreta, especificamente pelos jovens nos diferentes espaços sociais, objetiva contribuir com a história da leitura em nosso país, a qual por sua vez relaciona-se com a história da leitura que se tem construído dentro das escolas, nas salas de aula.

Nesse sentido, é oportuno trazer a fala dos jovens alunos dizendo das leituras vivenciadas por eles na escola, a escuta dessas vozes possibilita rever as práticas leitoras que a escola tem desenvolvido e com que finalidades,

Eu leio o que os professores pedem, na maioria das vezes porque vai cair no teste, vai cair na prova. Eu costumo fazer a leitura porque vai...vai..ser necessária aquela leitura, para um conteúdo mais pra frente. (Raquel, 16 anos)

Eu leio o que os professores pedem é porque geralmente é pra fazer um trabalho, uma pesquisa, uma coisa assim. (Leonardo, 16 anos)

Eu leio o que os professores indicam. É... primeiramente por causa do meu conhecimento, do conhecimento que eu vou ter e segundo por causa, é...que é uma obrigação, então a gente tem que ler. (Ana, 17 anos)

Com certeza eu leio o que os professores pedem. Porque certamente quando o professor pede para você estar adquirindo alguma coisa pra você ler, ou, primeiro, vai valer nota ou com certeza vai trazer algum benefício para o próprio aluno. (Henrique, 17 anos)

Leio. Principalmente textos literários, *essas coisas* que a escola pede. Geralmente...igual na língua portuguesa, eles ( os professores) pedem uns livros literários. Geralmente a gente lê, mas pelo teste que vem. Todos os alunos são assim. (Luís, 17 anos, grifo meu)

Leio. Não fico sem ler de jeito nenhum. Se o professor *mandou* ler um livro, pode ser o tanto de páginas que for eu leio, não fico sem ler. Porque eu acho que é pra mim, primeiro lugar, porque eu preciso de nota, eu preciso saber, eu preciso prestar um vestibular um dia, e alguma coisa esse livro vai me ajudar. (Vinícius, 17 anos, grifo meu)

Tudo que a gente fica assim... muito obrigado a fazer a gente vai perdendo assim...a vontade de fazer as coisas, então a gente não lê. Às vezes, por falta de tempo. Mas, quando a gente tem que ganhar alguma nota, porque se não ganhar também não vai ler. Tem que ganhar nota, senão não tem jeito. (Sandra, 16 anos)

O que os jovens trazem nos permite questionar as condições de produção da leitura na escola, pois as respostas dadas indicam que na dinâmica do processo de instauração da leitura, na sala de aula, a relação que se tem estabelecido não é de intercâmbio. As próprias palavras que usam revelam isso "leio porque vai cair no teste, cair na prova" ou "vai fazer trabalho".

Parece claro, então, que, um dos princípios que rege a leitura na escola é o da obrigatoriedade. Situação que ocorre em meio à tensão e que, por isso, não há espaço para a construção de um diálogo sobre a leitura ou mesmo sua apreciação. Ao abordar a leitura pelo viés somente da avaliação (prova, teste, trabalho) a

escola acaba por exercer um efeito que embaça a imagem que a prática da leitura almeja alcançar (ZILBERMAN, 1985: 21), ainda, produz uma relação "mercantil" entre os alunos, professores e o processo ensino-aprendizagem.

A exposição desses aspectos e situações traz à tona a necessidade de se dirigir outros olhares para a relação entre os jovens e a leitura, ainda mais quando estão dentro da escola, lugar propício para se fortalecerem os laços entre a leitura e o leitor e de garantir que a leitura continue sendo parte da vida desses sujeitos. Ainda, o reconhecimento da presença da leitura na vida dos jovens, bem como do leitor que existe em cada um deles torna-se imprescindível para que se possa ir desconstruindo as possíveis representações que, no momento, podem estar impedindo a construção de uma relação mais próxima do jovem com a leitura, especificamente, com a que é realizada no âmbito da escola.

A desconstrução da qual se fala refere-se tanto aos modos de encarar os objetos de leitura, os modos de praticá-la, os seus objetivos, entre outros e, mais, aos modos de perceber esses jovens leitores que estão dentro das escolas. Uma revisão dessas representações que se fazem presente no imaginário de muitas pessoas, entre essas, os professores, se faz necessária para que esses leitores e essas leituras possam ser ressignificados no universo da educação e na sociedade em geral.

Nessa perspectiva, é relevante trazer que ao longo dos anos os jovens têm sido vistos de forma bastante negativa, o que tem motivado a criação de imagens estigmatizadoras desse grupo de pessoas. Na imprensa, por exemplo, os jovens têm aparecido com frequência e o que se vê, de modo geral, é sua imagem vinculada à violência: envolvimento com o narcotráfico, prostituição, assaltos, seqüestros ora como atores ora como vítimas. Esses modos de ver desconsideram que as pessoas jovens têm, cada uma delas, uma história de vida e uma relação diferenciada com a vida, por isso não podem ser percebidos de uma maneira estereotipada, uma vez que isso acaba gerando uma série de preconceitos e, conseqüentemente, uma série de conflitos entre esses e os adultos, os quais estão na ordem do dia, apresentam-se de diferentes formas e em diferentes lugares e, infelizmente, produzem resultados extremamente negativos, o que na escola é visível.

É perceptível também as dificuldades da escola e dos professores em lidar com esses jovens, seu imaginário, comportamentos, vestimentas, gostos. Essas marcas da vida juvenil são muitas vezes vistas como ameaças à ordem escolar (CORTI, 2006). Também é visível o descontentamento dos jovens em relação à escola e ao modo como essa os trata, e as conseqüências desses "desencontros" têm se revelado de diferentes formas: nos baixos índices de rendimento e aprovação, em atitudes de constantes confrontos a professores e outras autoridades escolares ou mesmo na simples apatia e indiferença diante do conhecimento oferecido pela escola.

Nesse ponto, Corti (2006) traz uma análise muito significativa, pois a autora observa que se a escola costuma resistir negativamente às marcas da vida juvenil, como bonés, roupas, linguagem, percings, tatuagens os quais aparecem como elementos ameaçadores à ordem escolar, coisa muito diferente ocorre em relação às crianças, pois as escolas de educação infantil têm avançado muito no sentido de reconhecer a infância como uma fase de vida extremamente rica e que dever ser o ponto de partida para a organização escolar. Desse modo, as escolas explicitam a presença da infância por todos os lados, mostrando que a condição infantil não é obstáculo para o processo educativo, mas uma aliada e um importante ponto de partida para a construção de uma relação positiva entre o ensino e a aprendizagem.

Porém, coisa muito diferente ocorre quando focalizamos as escolas para os jovens, uma vez que as marcas da juventude desaparecem desses espaços. Contudo, retornam a eles pela ação, muitas vezes, transgressora dos próprios jovens: grafites, pichações, recados nos banheiros, rabiscos nas carteiras e, ainda, pelo uso da violência concreta, como agressões físicas a colegas e professores. Assim, é importante pensarmos: por que a escola reconhece a infância e procura construir sua ação pedagógica a partir desse reconhecimento, mas não consegue reconhecer a fase da juventude e buscar (re) construir ações pedagógicas voltadas para a juventude a partir desse reconhecimento?

É preciso entender que os jovens, como qualquer outro grupo que compõe a sociedade, necessitam ser compreendidos de forma ampla e considerados a partir de determinadas variáveis, especialmente, as que se ligam às suas experiências sociais, culturais e econômicas. E, no contexto da escola, isso deve ser particularmente situado e posto em relevo, inclusive, como condição básica para que o processo de ensino e aprendizagem se construa de forma exitosa.

E sobre isso mais uma vez as palavras de Corti (2006) são enriquecedoras,

As características trazidas pelos jovens sejam elas aprovadas ou desaprovadas pelos professores, são matéria-prima a partir da qual se constrói a possibilidade concreta do trabalho educativo. Por isso a condição juvenil atual deve ser vista como ponto de partida, e não como um empecilho ou obstáculo para a escola. [...] implica aceitar que o processo educativo precisa considerar efetivamente o que as pessoas são, fazem e pensam, e não o deveriam ser, fazer ou pensar.

Essa forma de ver os jovens passa necessariamente por uma revisão do que a nossa sociedade tem falado e escrito sobre esse grupo social e envolve uma releitura da condição juvenil que se afaste dos estereótipos produzidos ou de um modelo idealizado. Para que se promova de fato uma aproximação entre os jovens e a escola é preciso que esta instituição reconheça os jovens tais como são, ou seja, jovens concretos, com características e necessidades próprias; com histórias de vida singulares. Os jovens são diversos como diversos são seus estilos, comportamentos, atitudes, modos de pensar.

Na esteira dessas considerações coloca-se em relevo a necessidade de ressignificar os jovens leitores, bem como as leituras feitas por eles. Reconhecer e potencializar essas leituras e esses leitores e, a partir disso, (re) ver as práticas de leitura desenvolvidas com eles, de forma especial, na escola.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (Org.). *Ler e navegar: percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ ALB, 2001, p. 139-160.

CHARTIER, R. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 77.

\_\_\_\_\_. BOURDIEU, P. Leitura uma prática cultural (debate). In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Práticas da leitura*. 2. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 231-253.

CORTI, A. P. *Entre a escola e os jovens*. Observatório Jovem do Rio de Janeiro; Faculdade de Educação - UFF, 2006. Disponível em: [www.uff.br/obsjovem](http://www.uff.br/obsjovem).

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2005.

MARIA, L. de. *Leitura e Colheita: livros, leitura e formação de leitores*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PROUST, M. *Sobre a leitura*. 4. Ed. Campinas: Pontes, 2003, p. 9; 42.

SANT'ANNA, A. R. de. Ler o mundo. *O Globo*. São Paulo: 2000.

ZILBERMAN, R. A leitura na escola. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Leitura em crise na escola: As alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 21.

---

[1] As vozes dos jovens alunos (rapazes e moças com idade entre 15 e 20 anos) que são expostas nesse trabalho foram ouvidas por meio de entrevistas, feitas por ocasião da construção da minha dissertação de mestrado no ano de 2008. Os nomes são fictícios, usados dessa forma para preservar a identidade dos informantes.

[2] A esse respeito o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) publicou em novembro de 2007 o resultado de uma enquete feita junto a internautas, o resultado revelou o que os internautas mais gostam de ler e em primeiro lugar, com 27,4% das preferências, ficou a opção Leitura de revistas de informação geral. Como segunda opção, 26,5% informaram que preferem ler romances ou livros de ficção. A leitura de jornais diários ficou em terceiro lugar, com 22,6% dos cliques e foi seguida de Revistas de divulgação científica, com 9,6% dos votos. Esta pesquisa contou com 10.381 votos. Disponível em [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)